



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB  
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA  
Curso de Comunicação Social  
Habilitação em Jornalismo  
Disciplina: Monografia  
Professor Orientador: Solano Nascimento

Camila Silva Guimarães Pinto Araújo  
RA: 20462697

Dependência de fontes oficiais: uma análise do jornal *Na  
Polícia e Nas Ruas*

Brasília  
2008

Camila Silva Guimarães Pinto Araújo  
RA: 20462697

Dependência de fontes oficiais: uma análise do jornal *Na  
Polícia e Nas Ruas*

Brasília  
2008

Camila Silva Guimarães Pinto Araújo  
RA: 20462697

Dependência de fontes oficiais: uma análise do jornal *Na  
Polícia e Nas Ruas*

Monografia apresentada para obtenção do título de graduação ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Curso de Comunicação Social, noturno, com habilitação em Jornalismo.

Brasília \_\_\_\_/\_\_\_\_/2008

---

Professor Orientador: Solano Nascimento

---

Prof<sup>a</sup>. Ana Paula Ferrari  
Examinadora

---

Prof<sup>o</sup>.Sidnei Volkmann  
Examinador

Dedico esta monografia a Deus, que me deu toda força para conquistar mais esta vitória, à minha avó Lourdes, à minha mãe Lourdinha, ao meu marido Justino, à minha tia Mariinha e aos meus filhos, Alexandre, Rafael e Victor Hugo, que acompanharam e agüentaram meus momentos de desespero e de felicidade.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a todos que me ajudaram a concluir o curso, principalmente ao meu orientador, Solano Nascimento, que tolerou meus momentos de desespero e insegurança na produção deste trabalho; à minha chefe Claret e às minhas amigas Luciana, Michele e Priscila, que me deram conselhos para não desanimar diante das dificuldades.

## RESUMO

Neste trabalho foi feita uma análise das fontes utilizadas pelo jornal *Na Polícia e Nas Ruas*. A análise mostra a predominância de fontes oficiais no corpo da maioria das matérias. O jornal utiliza depoimentos de boletins de ocorrência e publica relatórios dos crimes ocorridos. Este trabalho aponta os riscos de se confiar somente em fontes oficiais para produção de uma matéria.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 – FONTES OFICIAIS.....	8
2 – O JORNAL.....	16
3 – METODOLOGIA.....	18
4 – MATÉRIAS.....	19
4.1 – OS TEXTOS.....	19
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	32
ANEXO.....	33

# INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se a analisar as matérias de capa do jornal *Na Polícia e Nas Ruas* no período de três meses. O objetivo é mostrar os vícios que um veículo de comunicação pode ter ao embasar suas matérias em fontes oficiais.

Para comprovar que o jornal pode correr risco de dependência da fonte, confiando basicamente em fontes oficiais, este trabalho buscou referências em autores que explicam quais os problemas de se acreditar e confiar muito em fontes oficiais. Isso aparece no primeiro capítulo.

No segundo capítulo, será mostrado um histórico reduzido e informações básicas do jornal *Na Polícia e Nas Ruas*.

No terceiro capítulo, serão apresentados o método, e a forma de análise das matérias e o capítulo seguinte trará o resultado da análise dos dados encontrados.

O último capítulo apresenta as considerações finais da pesquisa.



# 1 FONTES OFICIAIS

O repórter não é fonte da matéria e sim quem apura os fatos, colhe informações necessárias e escreve a matéria para informar aos leitores o fato. Nilson Lage (2002) mostra como funciona a relação entre fonte, mensagem e receptores.

A mensagem é codificada e, através do canal, vai da fonte ao receptor. Ressalvamos o fato de que o sistema produtor de notícias não é, em sentido absoluto, uma fonte, mas um codificador inteligente, dotado de competência definida para intervir na mensagem, ao codificá-la; o receptor não é único, mas plural, indefinido e atuante. Fontes e receptor estão imersos no meio social. (LAGE, 2002, p. 25).

Quando um jornalista faz a apuração dos fatos e entrevista as fontes necessárias para produção de matérias, está sujeito a chegar à redação e o editor começar a interrogá-lo sobre o que foi apurado. Felipe Pena (2005) então diz que o jornalista pode ser uma fonte, pois ele vai relatar ao editor tudo que sabe sobre o fato.

Não é difícil perceber que nenhum relato é imediato. Há diversos níveis de mediação. E no decorrer desse processo, os próprios jornalistas tornam-se fontes, pois fazem relatos para os outros produtores da notícia em escala industrial. (PENA, 2005, p. 60).

O relacionamento entre fontes e jornalistas é de dependência entre as duas partes: não seria possível divulgar um fato se não fosse a imprensa; e não haveria como se fazer a matéria, se não fossem as fontes. As informações são dados fornecidos por instituições ou pessoas que participaram de algo ou testemunharam algum evento de interesse público, pessoas e instituições essas que são as chamadas fontes de uma reportagem.

As fontes, a que os jornalistas recorrem ou procuram, são entidades interessadas, quer dizer, estão implicadas e desenvolvem a sua atividade a partir de estratégias e táticas bem determinadas. Se há notícias, isso deve-se, em grande medida, ao fato de haver quem esteja interessado em fatos e que estes sejam

tornados públicos. Outra forma de abordar a interação fontes-jornalistas consiste em tipificar e classificar os diferentes tipos de fontes.

Para poder ter uma qualidade de informação necessária à produção de matérias jornalísticas, e não correr o grave risco de transmitir fatos que não são verídicos e que possam até mesmo prejudicar a imagem de um cidadão, é necessário que o repórter faça uma ampla apuração com fontes precisas.

O guia de Jornalismo Preventivo e Cobertura de Risco da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) mostra que só a variedade de fontes não garante a qualidade da informação.

Embora a pluralidade de vozes seja um forte indicador de qualidade da cobertura, cabe apontar que, por si só, não constitui um fator suficiente para garantir a qualidade das informações. Há dois elementos que também precisam ser considerados diante desse cenário: a quantidade média de fontes ouvidas por cada matéria e a apresentação – ou não – de visões divergentes sobre um mesmo fato, cenário ou opinião abordada pela notícia. (ANDI, 2008, p. 10).

Para Nilson Lage (2002) e outros estudiosos do jornalismo, as fontes são classificadas como oficiais, oficiosas e independentes. Fontes oficiais são mantidas pelo Estado, por empresas e organizações como sindicatos ou associações. Fontes oficiosas são aquelas relacionadas de forma direta com uma instituição ou personalidade, mas sem poder formal de representação. Fontes independentes são aquelas sem vínculo direto com o caso tratado. Mauro Wolf (1999) explica que as fontes determinam a qualidade da informação. Ele também diferencia os tipos de fontes.

As classificações possíveis são muito diversas, de acordo com o parâmetro a que se faz referência: por exemplo, podem distinguir-se as fontes institucionais das fontes oficiosas ou as estáveis por oposição às provisórias. Uma caracterização diferente separa as fontes ativas das passivas, segundo o grau de utilização e o tipo de relações que se instituem entre fonte e órgão de informação. Fontes centrais, territoriais e fontes de base são categorias individualizadas não só pela localização espacial, mas também pelo tipo de utilização que delas se faz relativamente ao relevo, à noticiabilidade dos acontecimentos (WOLF, 1999, p. 223).

A fonte oficial pode utilizar-se dos jornalistas para divulgar o serviço que é prestado por ela perante à sociedade. Para os jornalistas, a fonte é um instrumento essencial no dia a dia para que possam realizar os objetivos de produzir matérias autênticas e com o maior índice de clareza e verdade. Sendo assim, no caso da fonte usar os repórteres para outro fim que não seja o de informar o fato ocorrido, o trabalho da imprensa corre o risco de ser fracassado com informações falsas, distorcidas e até mesmo para promoção de alguma fonte.

O jornalista tem que se atentar à intenção da fonte em relatar os fatos e passar a checar as informações colhidas com outras fontes, para que seja uma informação verdadeira. É muito perigoso um jornalista não procurar saber se a informação colhida é verdadeira ou não, pois, em caso de o repórter apurar as informações com uma fonte, seja ela oficial ou não, e essa não lhe passar uma informação válida, poderá haver uma notícia incorreta e até acabar marcando seriamente a vida de pessoas.

Wolf (1999) cita que Gans pensa que há fontes com uma acessibilidade maior aos jornalistas do que outras.

Aqueles que detêm o poder econômico ou político podem, facilmente, ter acesso aos jornalistas e são acessíveis a estes; aqueles que não têm qualquer poder, mais dificilmente se transformam em fontes e não são procurados pelos jornalistas até as suas ações produzirem efeitos noticiáveis enquanto moral ou socialmente negativo. (GANS, apud WOLF, 1999, p. 224).

Na concepção de Wolf (1999), a vantagem de optar por fontes institucionais é a probabilidade de o material fornecido para produzir matérias ser mais merecedor de credibilidade. Quando ele diz credibilidade, devem ser observados os fornecimentos de informações anteriores, ou haver checagem com outras fontes.

Nelson Traquina (2005) cita que Leon Sigal (1973) fez um estudo sobre a relação entre jornalista e as suas fontes.

Num dos primeiros estudos acadêmicos sobre a relação entre os jornalistas e suas fontes, Leon Sigal (1973) confirmou a predominância das fontes oficiais. Neste estudo, funcionários governamentais americanos e estrangeiros constituíam 75 por cento de todas as fontes noticiosas e quase 60 por cento das notícias tinham origem através de canais de rotinas controlados pela fonte. (SIGAL, apud TRAQUINA, 2005, p.121).

Lage (2002) rotula o mau hábito de julgar as fontes oficiais como as mais confiáveis como um vício do jornalismo, porque a mentira ocupa lugar estratégico nas intervenções de personalidades ou instituições, quando da defesa de interesses particulares difundidos como manifestação da vontade coletiva. Mesmo com a comprovação da parcialidade dos detentores dos poderes sociais, a estrutura centralizada do jornalismo convencional gera uma supremacia absoluta das fontes oficiais.

Luiz Costa Pereira Júnior (2006) explica que na hora da avaliação de fontes não pode ser esquecido que pessoas e instituições defendem, cada um, os seus interesses particulares. Júnior (2002) comenta o que Nelson Traquina (2005) fala dos critérios que jornalista tem para avaliar as fontes.

Segundo Nelson Traquina, em *O estudo do jornalismo no século XX*, para avaliar a confiabilidade da informação, os jornalistas usam alguns critérios para “avaliar as fontes”, que preenchem as necessidades organizativas das Redações, de evitar excessiva incerteza no resultado da produção noticiosa, além de furos de prazo: Hierarquia da autoridade – A respeitabilidade da origem da informação é um fator de grande apelo para jornalista que preferem fazer referências a fontes oficiais ou que ocupam posições institucionais de autoridade. “O jornalista pode utilizar a fonte mais pelo que é do que pelo que sabe”, diz Traquina. É presumido que elas sejam mais persuasivas porque não poderiam se permitir a uma mentira descarada e porque suas ações e opiniões têm peso oficial. Quanto mais prestígio for o título ou a posição da pessoa, maior a confiança em sua autoridade. A produtividade – Fontes institucionais fornecem materiais muitas vezes suficientes para uma notícia, poupando tempo e esforço dos repórteres, que dispensam o trabalho de procurar muitas outras fontes para consolidar uma informação. Supre a carência de jornalistas de limitar (“em igualdade de condições”, diz Traquina) o número de fontes consultadas, o que representa uma economia de custos e uma garantia de que os prazos de entrega de reportagem não serão por demais dilatados. A credibilidade – As fontes devem ser tão confiáveis que a informação fornecida por elas exige o mínimo possível de controle. Entrevistados que em outras ocasiões forneceram fatos confiáveis têm maior chance de continuarem a ser acessados. (JÚNIOR, 2006, p. 81 - 82).

Nelson Traquina (2005) explica que ocorre uma dependência de fonte se houver os critérios de credibilidade e hierarquização.

A noção de uma “hierarquia da credibilidade” (Becker, 1967) reforça a dependência das fontes oficiais. Paletz e Entman argumentam que os jornalistas preferem as fontes oficiais porque são mais fáceis de contactar e porque são consideradas tanto mais informadas como mais credíveis. Fishman (1980) concluiu que a dependência dos jornalistas das rotinas também influencia a sua análise das notícias. (TRAQUINA, 2005, p. 121).

Segundo Júnior (2006), o risco de privilegiar fontes, pelos critérios que Traquina apresenta, é o da dependência aos canais de rotina. Como para ele as fontes não são iguais e nem têm a mesma importância, há uma preparação para que algumas fontes sejam mais acessíveis que outras no campo jornalístico. Júnior ainda diz que as notícias têm tendência a ser unidas às instituições legitimadas, dando apoio às interpretações oficiosas dos incidentes controversos.

É preciso muito cuidado para não cair no círculo vicioso da hierarquia rígida entre as fontes de informação, dar trela a oficialismo ou *lobbies* e fazer do veículo de informação uma tribuna para o jornalismo declaratório, aquele que se satisfaz com declarações de celebridade, políticos e empresário, pouco importa se sustentadas em fatos, por isso, analisar as fontes implicadas na notícia e as fontes secundárias ajuda a estruturar uma estratégia geral de abordagem do tema. (JÚNIOR, 2006, p. 82 - 83)

Para Felipe Pena (2005), existem tipos de intenção de cada fonte em relação ao que vai ser declarado pelo jornalista: “(...) como a boa fé não é propriamente a característica mais comum de determinadas fontes, principalmente as oficiais, ainda acredito que o ceticismo é o principal elemento em nossa relação com elas”, (PENA, 2005, p. 58).

De acordo com Júnior, exemplos mostram que não se pode confiar somente nas fontes oficiais.

É o ápice do ceticismo, que Protess aplica ao estudo de casos de pena de morte. A premissa é que as fontes oficiais (a polícia, os advogados e os tribunais, por exemplo) são sempre suspeitas e deve-se chegar mais perto das fontes básicas (suspeitos descartados, testemunhas, o condenado). (JÚNIOR, 2006, p. 91).

Ele mostra também as atribuições que os jornalistas fingem dar só para cumprir etapas de sua apuração.

O jornalista, no caso finge atribuir valor (na verdade, confirma o que deseja confirmar, mas aparentando fazer o ofício) à afirmação irrisória e superficial (pois não localiza o ponto de apoio que sustenta uma declaração – as aspas são comumente pinçadas de contexto, isolada e puídas num reservatório de lugares-comuns sem lastro conceitual). (JÚNIOR, 2006, p. 94).

Júnior (2006) afirma que a “mídia não é o que se chama de definidor primário da informação, antes são os poderosos de plantão, por que a eles é dado acesso privilegiado à exposição pública”. (JÚNIOR, 2006, p. 94).

Ele cita o que Cremilda Medina fala a respeito das atribuições e conseqüências sobre a cobertura e o sentido das aspas nas matérias.

A cobertura, atrelada as declarações, perde em observação participante, instrumento decisivo para resgatar as cenas vivas. Histórias humanas que formam a rede de significações cotidiana dão lugar a conceitos e juízos de valor nas falas entre aspas – diz Cremilda Medina. (MEDINA apud JÚNIOR, 2006, p. 94).

Passar uma informação para o leitor não é simplesmente apurar o que uma fonte oficial tem a relatar e colocar na matéria, pois para Júnior (2006) isso pode ser considerado uma engação.

O efeito de tais expedientes (a voz especializada, o fala povo e o jornalismo declaratório) é um engodo para o público, com as agendas e pautas controladas pelas fontes oficiosas, com entrevistados manobrados ou com material jornalístico resultante de acerto entre pares (o que Medina chama de “diálogo interpares”). Todo cuidado é, portanto, pouco para não se flertar a indiferença, não fazer o jogo das fontes ou transformar a assepsia instrumental em defeito ético. (JÚNIOR, 2006, p. 94 - 95).

Felipe Pena (2005) conta sua visão sobre a interpretação por parte das fontes e o olhar que essas fontes têm sobre cada assunto que vai ser noticiado para a sociedade.

A fonte de qualquer informação nada mais é do que a subjetiva interpretação de um fato. Sua visão sobre determinado acontecimento está mediada pelos “óculos” de sua cultura, sua linguagem, seus preconceitos. E, dependendo do grau de miopia, a lente de aumento pode ser direcionada para seus próprios interesses. (PENA, 2005, p. 57).

Segundo a argumentação de Júnior (2006) a imprensa tem alguns problemas na hora da apuração. Um desses problemas é priorização de eleger principalmente fontes oficiais e ignorar fontes de rua e outras. Para ele as fontes oficiais possibilitam diversos tipos de acesso a informações que são indispensáveis e os jornalistas também precisam ter informações concretas do material que selecionam para divulgar, assim, todo o enquadramento e a contextualização das informações que possam ter das fontes.

Quando é feita a seleção do conteúdo de uma matéria é muito importante saber qual a intenção das fontes pesquisadas, para que não haja privilégio de alguma fonte. Júnior (2006) explica qual o risco ao selecionar as informações.

O risco em cada um desses casos é, em parte, selecionar informações alheias que, no fundo, são a de sua preferência e, com isso, passar opinião que, na verdade, é a sua – o que significa, por exemplo, usar a fonte especializada para passar recibo para a sua pauta ou amearhar aspas desamparadas de fatos, apenas na celebridade de quem as declara (que, em si, raramente garante informação consistente). É também virar refém de fontes e assessorias. Mas é, acima de tudo, o risco de desumanizar a informação, cobrir de cinza um mundo mais rico do que a reportagem, enfim, faria supor. (JÚNIOR, 2006, p. 95).

Personagem ou instituição têm intenções sobre como serão noticiadas as informações que foram coletadas por jornalista. Um personagem quer que as informações favoreçam o seu ponto de vista, já uma instituição quer relatar exatamente o seu comportamento ético e social perante a sociedade. É claro que isso não se pode aplicar a tudo e a todos devido à diferença de comportamento de personagens e instituições.

Assim, Pena (2005) acha que as fontes têm o poder de manipular a imprensa. “As fontes também podem manipular o jornalista e agendar os meios de comunicação. Uma fonte oficial pode divulgar determinada notícia para amenizar o impacto de outra, que deseja ocultar”. (PENA, 2005, p. 61).

Ele afirma também, mediante os relatos de que as fontes manipulam os jornalistas, que a fonte oficial é a que mais usa a imprensa. “As fontes oficiais são sempre as mais tendenciosas. Têm interesses a preservar, informações a esconder

e beneficiam-se da própria lógica do poder que as coloca na clássica condição de Instituição”. (PENA, 2005, p. 62).

Com base nos relatos dos autores, vemos que em uma matéria jornalística, a fonte, principalmente a oficial, pode conduzir a um fracasso noticioso, pois não é descartada a possibilidade de promover uma determinada fonte oficial nas matérias. Não que as fontes oficiais não sejam dignas de confiabilidade, mas pela facilidade de acesso são as mais buscadas por jornalistas. As fontes comuns passam a ser despercebidas e esquecidas na hora de produzir uma matéria, afinal muitos podem pensar que, por ser uma fonte comum, não terá a mesma credibilidade de uma fonte oficial.



## 2 O JORNAL

O jornal semanal *Na Polícia e nas Ruas* foi lançado em outubro de 2005. A distribuição nas bancas é feita toda terça-feira, com uma tiragem semanal de 25.000 exemplares. O jornal se caracteriza por imagens fortes e marcantes. Rafania de Almeida Silva aponta o jornal como “sucesso amparado numa fórmula pouco original: sangue, mortes, cadáveres, linguagem coloquial e exploração da imagem de cidadãos”. (SILVA, 2006, p. 8)

O *Na Polícia e Nas Ruas* é o único impresso especializado em matérias policiais do Distrito Federal. Silva constatou em sua monografia que esse tablóide semanal se tornou, em pouco tempo, popular, sucesso de vendas e uma ameaça a outras empresas jornalísticas, pois chega a vender mais que alguns jornais que já estão no mercado há muito mais tempo.

Uns repudiam, enquanto outros até colecionam edições. Mas o que leva um leitor a deixar de comprar um informativo completo, com política, economia, esportes, e outros assuntos e optar por um veículo com pouca informação e muito sensacionalismo? Até onde um veículo pode abandonar os princípios éticos para conquistar seu público e aumentar a vendagem? Como é feita essa apuração? São apenas imagens ou o lado social, a pessoa estampada, as relações dela, a família, as histórias são levadas em consideração? Até onde o jornalismo policial pode chegar na busca e na divulgação da informação. (SILVA, 2006, p. 11).

Não são encontrados no jornal propagandas ou até mesmo grande publicidade. O vice-presidente do jornal, Fred Linhares, diz quais são as regras usadas na produção e na sustentação do jornal. “O nosso jornal contradiz essas regras do mercado da informação, que o jornal é sustentado pela publicidade” (Linhares, entrevista em 20 de março de 2008). Segundo ele, o jornal é mantido e sustenta-se pelas vendas, fato que Linhares considera raro nos impressos no Brasil.

O vice-presidente informa que a equipe é formada por 30 pessoas, divididas entre administração, produção e distribuição, que trabalham em uma pequena redação, montada na casa de Sílvio Linhares, dono do jornal. Entre os profissionais, quatro são formados em jornalismo: o editor-chefe, Luiz Ricardo, e outros três que compõem a equipe de reportagem, diagramação e fotos. Sílvio Linhares e outros dois repórteres são radialistas. O restante divide-se na área administrativa e na

distribuição. Na estrutura, o jornal conta com três computadores e quatro rádios-escuta sintonizados na frequência da Polícia Militar, Polícia Civil, Corpo de Bombeiros e Instituto de Criminalística, o que é um dos fatores que garantem à equipe do jornal exclusividade e preferência nas informações. Cada repórter é responsável para cobrir uma área, resultado da divisão das Regiões Administrativas do Distrito Federal.

Cada página do tablóide mede 317 milímetros de altura por 280 de largura. São 16 páginas com muitas imagens de forte impacto. A cor que sublinha o título do jornal é vermelha, e o preto é a cor predominante.

É um jornal voltado para classes mais baixas, moradores das cidades satélites e Entorno do Distrito Federal, e raramente sobram exemplares nas prateleiras. Mas, segundo o vice-presidente, o jornal *Na Polícia e Nas Ruas*, aos poucos, vai conquistando público diverso e ganhando espaço nas classes mais altas.

### 3 METODOLOGIA

Foram analisadas todas as matérias de capa do jornal *Na Polícia e Nas Ruas*, no período de três meses, entre 14 de janeiro e 7 de abril, das edições de número 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130 e 131. A escolha desse período foi devido ser o período em que foi decidido o tema do trabalho. Foi analisado um total de 11 matérias. Dessas, seis foram publicadas nas páginas oito e nove as páginas principais do jornal. As outras cinco matérias tiveram espaço entre as páginas 3, 11 e 15, em uma página cada. O jornal sempre segue essa diagramação de matéria de capa: ela entra nas páginas principais, oito e nove ou nas outras três.

Todos os tablóides do *Na Polícia e Nas Ruas*, utilizados para o trabalho foram adquiridos em banca.

Foram observadas quais as fontes encontradas em cada matéria analisada e se as informações contidas nos relatos são baseadas em depoimentos de boletins policiais. Foi levado em consideração, nos trechos das matérias, quem é mais enfocado, se policiais, testemunhas, familiares de vítimas ou a própria vítima.

O critério para identificar e classificar as fontes da matéria leva em conta somente as pessoas que têm citações literais transcritos, ou seja, que aparecem com declarações entre aspas.

Todas as matérias do jornal têm títulos chamativos. As chamadas de capa do jornal das matérias analisadas são: “Dupla execução em Planaltina”, “Executado no dia do aniversário da mãe”, “ Briga, tiros e morte em São Sebastião “, “Morreu por um copo de cerveja”, “Monstruosidade para ele é pouco”, “Saiu da igreja e morreu por causa de celular”, “Morreu com picareta cravada no peito”, “Assassinos de policial vão para o saco”, “Executado com 14 tiros”, “Saiu do forró e encontrou a morte” e “ A cisterna foi a sua cova”.

Na capa do jornal, em  $\frac{3}{4}$  da página é estampada um foto da cena do crime, acompanhada somente de um título e de um sub-título, com o número da página que tem a matéria na íntegra.

## 4 MATÉRIAS

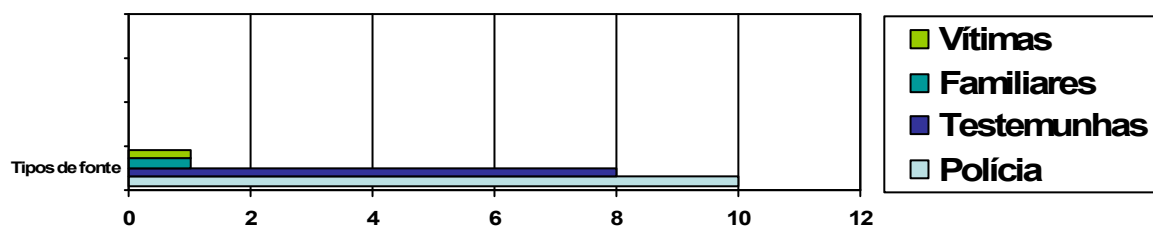
Das 11 matérias analisadas 10 têm a polícia como fonte. Dessas 10 fontes, sete são delegados de polícia e somente um deles não tem o nome divulgado na matéria. As outras três fontes são policiais que acompanharam o caso.

Oito das 11 matérias têm também testemunhas como fontes. Em seis dessas oito matérias, as testemunhas não quiseram se identificar e, em duas, os seus nomes foram identificados. Apenas uma das 11 matérias analisadas tem um familiar como fonte: a mãe de uma das vítimas e seu nome é identificado na matéria.

Também em apenas uma das 11 matérias analisadas há o relato de uma vítima, até porque foi a única dessa sequência de matérias que está viva e foi quem fez a denúncia à polícia. Em uma matéria dessas 11 não foi encontrada uma única fonte que afirmasse qualquer coisa, em citações entre aspas, sobre o ocorrido para a equipe do jornal.

**Tabela 1**

Tipos de Fontes	Quantidade de fontes
Polícia	10
Testemunhas	8
Familiares	1
Vítimas	1
Total	20



### 4.1 OS TEXTOS

A matéria publicada na edição de número 120 abrange o período de 14 a 21 de janeiro de 2008. O jornal narra um duplo homicídio. Os dois homens assassinados eram pessoas envolvidas em roubos de carro. Há relato de como a polícia teve o conhecimento do fato. Assim, foi a polícia quem possivelmente deu a

informação ao jornal. “Ao serem comunicados do tiroteio, policiais dirigiram-se até o local e encontraram os dois mortos com vários tiros na cabeça”. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 14 a 21/01/2008, p. 8).

Logo aparece uma pessoa falando, que não quis se identificar como é relatado na matéria: “Depois dos tiros, eles (assassinos) saíram correndo e entraram em uma blazer”. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 14 a 21/01/2008, p. 8).

Mais uma vez a matéria mostra que parte da polícia a informação do provável motivo que ocorreu o fato. “De acordo com os policiais que participaram da operação, há suspeitas de que as vítimas façam parte de uma quadrilha em roubos de carro”. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 14 a 21/01/2008, p. 8).

No terceiro parágrafo dessa mesma notícia, a polícia é mais uma vez citada. O jornal conta o que a polícia suspeita sobre o caso:

A suspeita da polícia ganha força devido às informações de algumas testemunhas. Segundo elas, as vítimas e o proprietário da casa onde ocorreu o duplo homicídio, Sérgio de Souza morais, o Zangão, 30 anos, tinham o costume de trocar de carro frequentemente, usando vários modelos de veículos. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 14 a 21/01/2008, p. 8 - 9).

Outra informação constata que mais uma vez a polícia pode ter informado para a equipe do jornal como foi o procedimento diante das testemunhas:

Levada à 31ª DP (Planaltina), Jaqueline disse, durante depoimento, que os assassinos entraram na casa ordenando que ela entrasse no quarto juntamente com a criança, e que no momento do crime, estava em um dos cômodos da casa. Segundo agentes da delegacia, por haver contradição nos depoimentos das duas testemunhas, Sérgio de Souza Morais passa a ser considerado suspeito de ter participação no crime. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 14 a 21/01/2008, p. 9).

Na finalização dessa matéria, o jornal publicou a explicação que o delegado da 31ª Delegacia de Polícia de Planaltina deu para o duplo homicídio. “Eles eram amigos de crime. Como Sérgio fugiu, passa a ser um dos principais suspeitos. O trio

fazia parte de uma quadrilha que roubava carros e atuava, principalmente, na Asa Norte', revelou o delegado". (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 14 a 21/01/2008, p. 9).

Outra matéria de capa publicada na edição de número 121 abrange o período de 21 a 28 de janeiro de 2008. O caso ocorreu na Ceilândia Sul. Um rapaz de 19 anos foi baleado por uma pessoa não identificada que apareceu de carro na rua onde estava a vítima e disparou vários tiros. A matéria mostra o desespero da mãe da vítima ao ver o filho morto no chão, porém não caracteriza a fonte que dá informações para a equipe do jornal. "Em meio a muito choro, angústia e revolta, a mãe disse: 'Nunca esperei ver você, que saiu de dentro de mim, desta forma'. O sofrimento era compartilhado por parentes ao verem o corpo de Flávio no chão". (Na POLÍCIA E NAS RUAS, 21 a 28/01/2008, p. 3).

No terceiro parágrafo, a matéria mostra informações de testemunhas que relatam o ocorrido com a vítima, mas que não quiseram se identificar:

"Ele estava andando tranquilamente quando um carro fechou ele. Quando viu quem estava dentro do veículo, ainda tentou correr, mas os assassinos alcançaram e deram vários tiros nele", comentou uma testemunha que não quis se identificar. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 21 a 28/01/2008, p. 3).

Em complementação à informação, o jornal publica o que agentes de polícia da 15ª Delegacia de Polícia da Ceilândia consideram que possa ter ocorrido: "Para os agentes da Seção de Investigação de Crimes Violentos (SIC-VIO), da 15ª DP (Ceilândia Centro), o homicídio é um típico caso de vingança". (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 21 a 28/01/2008, p. 3).

No final dessa matéria o jornal colocou o comentário do delegado da 15ª Delegacia de Polícia da Ceilândia sobre o caso: "Até agora só descartamos a hipótese de latrocínio (roubo seguido de morte) já que nada foi levado da vítima". (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 21 a 28/01/2008, p. 3).

A matéria de capa publicada na edição de número 122 refere-se ao período de 29 de janeiro a 7 de fevereiro de 2008. Nessa edição foi narrado que dois

rapazes, festejando o carnaval, se envolveram em várias brigas e, quando estavam em um bar, foram surpreendidos por um outro rapaz que disparou vários tiros na direção deles, que morreram no local. Nesta matéria, novamente encontram-se testemunhos de pessoas que comentam o que viram, mas não se identificam.

Segundo testemunhas que presenciaram o crime, algumas das vítimas eram conhecidas na área pelos crimes praticados. Sem querer se identificar, um comerciante chegou a dizer que na última semana, Raimundo assaltou uma padaria. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 29/01 a 7/02/2008, p. 8).

No decorrer dessa mesma matéria o jornal publica a opinião da Polícia Militar sobre os motivos do crime e coloca também o relato do delegado da 30ª Delegacia de Polícia de São Sebastião.

Para policiais militares, o caso tem ligações com rixa entre grupos rivais da área. Para o delegado Flávio Veloso, da 30ª DP (São Sebastião), as quatro vítimas foram baleadas por um homem que estava dentro do Bar Stop. “Algumas testemunhas informaram que este indivíduo teria efetuado os disparos para fora do bar, que o suspeito estaria armado com uma pistola calibre 380”, explicou o delegado, informando que a polícia já tem o nome de um suspeito, mas que não divulgaria para não atrapalhar as investigações. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 29/01 a 7/02/2008, p. 8).

Ainda nessa matéria o jornal menciona outro fato ocorrido no dia seguinte a esse crime. Haveria conexão entre ambos. Essa nova ocorrência foi registrada na Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA). Um policial conta o que ocorreu no depoimento.

“Hoje na madrugada flagramos o menor correndo atrás de algumas pessoas, que seriam autores do assassinato do amigo (Adriano). Na DCA ele confessou que pegou a arma e matou Coquinho”, afirmou um policial que participou da ocorrência. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 29/01 a 7/02/2008, p. 8).

Nesta mesma matéria, o jornal coloca o relato de um amigo da vítima declarando o que havia visto. Esse amigo prestou depoimento à polícia e o jornal

publica as aspas da fala dessa pessoa, o que indica que o jornal teve acesso ao depoimento e a liberdade para publicar a fala do depoente.

De acordo com um destes depoimentos, um amigo de Adriano disse que ambos encontraram-se em uma tenda alternativa do parque de exposição de São Sebastião, onde o grupo do amigo ouvia funk e música eletrônica. “O pessoal estava curtindo o carnaval e eles (vítimas) já estavam muito alcoolizados, criando confusão com qualquer pessoa que passasse. Durante o período que fiquei lá, eles brigaram com várias pessoas e só pararam quando a polícia chegou”, contou Silas (nome fictício), completando que chegou a ver Raimundo armado com um revólver. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 29/01 a 7/02/2008, p. 9).

Nessa matéria foi publicado o desabafo da mãe de uma das vítimas do homicídio. A mãe conta o que estava ocorrendo com seu filho e esta pode ser considerada uma fonte do jornal, trazendo informações que não foram dadas pela polícia.

Em estado de choque, Selizângela Ribeiro, 31 anos, disse que o filho (Raimundo) estava envolvido com drogas e voltava tarde para casa quase todos os dias. “Eu implorei para que ele largasse isto e mudasse de vida. Ficava acordada diariamente esperando ele chegar e agora está morto”, lamentou Selizângela. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 29/01 a 7/02/2008, p. 9)

No final desta matéria, o jornal coloca a hipótese dos agentes para justificar o caso ocorrido, apresentando assim mais uma afirmação colhida da polícia:

Dentre as hipóteses trabalhadas pela Seção de Investigação de Crimes Violentos (SIC-VIO), da delegacia de São Sebastião, para o duplo homicídio e dupla tentativa de homicídio, estão a rixa entre grupos rivais e um acerto de contas de alguma das pessoas que o grupo brigou no Parque de Exposições. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 29/01 a 7/02/2008, p. 9).

Outra matéria de capa publicada na edição de número 123, de 7 a 11 de fevereiro de 2008, conta a história de um ambulante que foi assassinado ao sair de um bar depois de uma briga com uma mulher que queria tomar cerveja do seu copo. O jornal publicou a fala de uma pessoa que conhecia a vítima e que falava do



comportamento dessa no dia-a-dia. É uma das poucas matérias em que a pessoa que fala se identifica:

”Ele (vítima) era trabalhador e o único problema dele era a cachaça. O Galego chegou a trabalhar para mim, mas tinha um tempo que mexia com o próprio negócio, vendendo produtos de cama, mesa e banho”, declarou José Alves Pereira, 33 anos, conhecido como Dedé. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 7 a 11/02/2008, p. 3).

Na mesma matéria foi publicado o relato do policial que acompanhava o caso e contou como o fato ocorreu. Assim, a principal informação sobre o caso é sempre dada pelo relato da polícia.

“Em determinado momento, uma mulher, que estava acompanhada de outra pessoa, foi até a mesa da vítima e pegou um copo de cerveja. Cícero não gostou e tomou a bebida da mulher. Logo depois houve uma discussão entre o suposto autor e a vítima. Cícero então chamou a esposa e foi embora”, comentou um policial. O PM ainda complementou que no momento que Cícero dirigia-se para casa, foi alcançado pelo assassino, no Santana, que, após dar uma coronhada na cabeça da vítima ordenou que ele saísse correndo. “Depois deu um tiro a queima-roupa na cabeça do ambulante”. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 7 a 11/02/2008, p. 3).

Já uma outra matéria de capa publicada na edição de número 124, abrange o período de 12 a 18 de fevereiro de 2008. Essa é a única matéria em que a vítima não morreu. O caso é de uma jovem que, depois de 10 anos sendo torturada e presa por um homem, conseguiu fugir do cativeiro e denunciar o abuso sexual. Como se trata de denúncia da própria mulher do acusado, as fontes utilizadas são basicamente o relato da vítima dado em depoimento para a Delegacia Especial de atendimento à Mulher (DEAM) de Luziânia (GO). Como há a citação da fala da vítima, em alguns trechos pode ser que tenha falado com a equipe do jornal ou a própria equipe tenha tido acesso ao relatório do depoimento e colhido tais informações.

“Ele (autor) aproveitou da inocência e da fome da garota, e logo depois revelou sua verdadeira personalidade. Mesmo chorando e relutando, Raimundo arrancou as roupas de Patrícia e tirou sua virgindade, segundo ela própria contou na delegacia. Sob ameaça de morte, ela voltou para casa, mas não revelou nada que havia

acontecido a mãe”, explicou a delegada chefe da Deam, Dilamar Castro”. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 12 a 18/02/2008, p. 8 - 9).

Esta matéria contém o relato da própria vítima sobre o que sofria e ela ainda relata o abuso que a filha, fruto do estupro, também sofria. No relato, é como se ela falasse para a equipe do jornal: “Ele colocava filmes pornográficos para ela (criança) ver, depois a levava para o banheiro e ficava mexendo nela. Quando eu entrava no meio, me batia’, afirmou a jovem”. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 12 a 18/02/2008, p. 9).

Depois de muitos relatos no decorrer da matéria, a fala da delegada avalia o caso.

Assustada com a série e barbaridades, a delegada Dilamar Castro comentou que para fazer tudo isso, ele só pode ser um psicopata, sem nenhum equilíbrio emocional. “Nunca tinha visto isso na minha vida. É tudo muito absurdo”, comentou a delegada, finalizando que Raimundo tinha hábito de se excitar com os filmes pornográficos antes de estuprar a jovem, e que ainda é suspeito de matar o fazendeiro Marcos Pereira Rodrigues. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 12 a 18/02/2008, p. 9).

A matéria de capa publicada na edição de número 125 abrange o período de 18 a 25 de fevereiro de 2008. A matéria relata um assalto a ônibus que acabou em morte por causa de um celular que a vítima, que estava com o filho no colo, não quis entregar. Nessa matéria não houve um relatório da polícia falando sobre o ocorrido. As falas da matéria são exatamente do motorista do ônibus, em que a vítima foi assassinada, descrevendo como tudo ocorreu, e de familiares, que não são identificados e falam indiretamente na matéria.

“Eles (assaltantes) pagaram as passagens e ficaram no final do ônibus. Nas proximidades do balão do Torto um deles pulou a roleta e me rendeu, enquanto o outro gritava aos passageiros: ‘quem tem V3’ (celular da Motorola)”, comentou Jaci Edmar Nobre, 64 anos. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 18 a 25/02/2008, p. 15).

Nessa mesma matéria, a família da vítima aparece nos relatos da notícia dizendo para onde a vítima estava indo: “Segundo informações de familiares, Janete

vinha de um culto na Igreja Universal do Reino de Deus e estava indo para casa quando ocorreu o assalto”. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 18 a 25/02/2008, p. 15).

A matéria de capa publicada na edição de número 126 abrange o período de 25 de fevereiro a 3 de março de 2008. O assassinato ocorreu na casa da vítima depois de um desentendimento com o cunhado. O cunhado o matou porque agredia a irmã dele. Essa é a matéria da edição analisada em que não há nenhuma fala de fonte, só há relatos de populares sobre o caso:

Segundo o relato de alguns populares, a vítima, juntamente com o cunhado, Manoel Valdo Pereira Dias, o “Kiko”, 28 anos, e o caseiro Leonço de Sousa Silva, 40 anos, faziam um churrasco no Setor de Chácaras Olhos D’Água, no Taquary, região do Lago Norte, quando teve uma discussão entre Antônio e o cunhado. O motivo da briga, segundo conhecidos da vítima, seria o fato das constantes agressões praticadas pelo entregador na mulher. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 25/02 a 3/03/2008, p. 8).

Em outro trecho dessa matéria a polícia é citada contando o que ocorreu, mas ninguém da polícia confirmou as declarações. As possíveis fontes consultadas não foram citadas na matéria, o jornal só publicou as informações do ocorrido segundo populares e policiais.

Segundo informações de policiais militares que preservam o local, o crime foi descoberto por um vizinho. Estranhando o fato do som ter sido desligado, João (nome fictício) foi até o local e viu o entregador que mora na chácara vizinha, morto. Na tentativa de encontrar alguma pista, os policiais depararam-se com Leonço dormindo no barraco, a poucos metros do local onde o amigo foi morto. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 25/02 a 3/03/2008, pág. 8).

A matéria de capa publicada na edição de número 127 abrange o período de 3 a 10 de março de 2008. Nessa matéria quatro rapazes que tinham extensa passagem pela polícia foram mortos num tiroteio com a polícia, quando tentavam assaltar uma lotérica. Eles estavam sendo vigiados pela polícia havia uns dois meses. Essa é uma matéria que comprova bem que a principal fonte do jornal *Na Polícia e Nas Ruas* é a polícia, Podemos ver que todas as falas são de policiais.

Após seguir os passos de uma quadrilha especializada em assalto a comércios no Distrito Federal e no estado de Goiás por aproximadamente dois meses, agentes da Delegacia de Repressão a Roubos (DRR) fecharam o cerco a quatro membros do bando, no final da tarde de quinta-feira (06). (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 3 a 10/03/2008, p. 8).

Em outros trechos no decorrer da matéria o delegado narra o caso e revela as suspeitas das vítimas de que, na verdade, as mortes ocorrem durante um tiroteio contra policiais, após a reação dos bandidos no momento em que seria efetuada a prisão em um tiroteio onde os considerados bandidos reagiram quando iam ser presos.

Segundo o delegado chefe da DRR, Watson Warling, o bando é suspeito da autoria de aproximadamente dez assaltos no DF e em Goiás, e sempre age com bastante violência. “Quando soubemos que eles tramavam assaltar uma loteria em Abadiânia, começamos a fazer diligências para que pudéssemos prendê-los antes de concretizarem o plano. Quando nos deparamos com eles, os cercamos, mas eles tentaram fugir e acabaram mortos”, explicou o delegado, informando que será preciso investigar as identidades dos membros do bando, já que há suspeita que os nomes sejam falsos. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 3 a 10/03/2008, p. 8).

Também nessa matéria foi divulgado o relato do delegado sobre a ação das vítimas do homicídio: “No decorrer das investigações, constatamos que eles tiveram participação em vários assaltos, sempre praticados de forma extremamente violenta’, disse Watson Warling”. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 3 a 10/03/2008, p. 9).

Policiais que participaram da operação comentaram que agentes da 19ª e 20ª Batalhão de Polícia Militar (BPM) chegaram ao local onde parte do bando estava, mas foram informados que a Polícia Civil do Distrito Federal estava de campanha e tiveram de sair. “Após o roubo dos R\$19 mil, eles (assaltantes) fizeram um churrasco em Santa Maria para comemorar”, comentou o policial. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 3 a 10/03/2008, p. 9).

Na finalização da matéria, o delegado continua falando, mostrando mais uma vez que é fonte da matéria: “Agora daremos prosseguimento às investigações para que possamos constatar o número de assaltos praticados por eles. Ainda existem

membros da quadrilha que estão soltos e temos de prendê-los', afirma Watson", (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 3 a 10/03/2008, p. 9).

A matéria de capa publicada na edição de número 128 abrange o período de 10 a 17 de março de 2008. Essa matéria conta a história de um homem que estava cumprindo prisão domiciliar e foi morto, quando estava indo para a casa de uma tia, por um motoqueiro que o abordou e disparou quatorze tiros. Essa matéria também apresenta o mesmo contexto, em que testemunhas relatam o que viram ou o que sabiam.

Segundo testemunhas, a vítima passava pela QR 416, Conjunto H, Santa Maria, quando um motoqueiro o abordou e efetuou quatorze tiros com uma pistola calibre 9mm, matando Cledson na hora. Minutos após o crime, populares informaram à polícia que o rapaz morava no Recanto das Emas e estaria indo para a casa de uma tia, em Santa Maria. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 10 a 17/03/2008, p. 15).

O jornal também tem uma tendência de relatar o número da viatura e o nome dos policiais que chegaram ao local do crime.

Informados do assassinato as viaturas 1008, com o sargento F. Alencar e o soldado Junior, e a 1764, composta pelo cabo Quintino e pelo soldado Roger, começaram a fazer algumas diligências, onde foram informados do que havia acontecido. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 10 a 17/03/2008, pág. 15).

Na matéria há publicação do relato de informações prestadas por familiares da vítima à delegada responsável pelo caso que está em investigação:

A delegada chefe da DP Marta Vargas, comentou que Cledson estava em prisão domiciliar e tinha uma longa ficha criminal. "Familiares do rapaz disseram que ele já vinha recebendo ameaças de morte há dias, mas não souberam informar o motivo das ameaças". (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 10 a 17/03/2008, p. 15).

No final da matéria, uma pessoa que não quis se identificar tem espaço para falar no jornal, como vamos ver no trecho a seguir:

Sem querer se identificar, um conhecido diz que no dia anterior, Cledson foi abordado por alguns desconhecidos dizendo-se policiais, mas como outras pessoas viram a abordagem, o agrediram e foram embora. “Depois disto ele foi para Santa Maria”, comentou. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 10 a 17/03/2008, p. 15).

A matéria de capa publicada na edição de número 130 abrange o período de 24 a 31 de março de 2008. Essa matéria conta a história de um rapaz que saía de uma casa de forró e foi baleado. O rapaz tinha rixa com algumas pessoas, mas não se sabe quem matou o rapaz. Nessa matéria, a única pessoa considerada fonte, que fala no corpo da notícia é um popular que, como em outras matérias, não quis se identificar.

Segundo informações de populares, a vítima tinha o costume de ir à casa de show com frequência. “Alguns dias atrás ele (Edivaldo) deu uns tiros em um rapaz, que só não morreu porque caiu dentro de uma vala”, comentou um popular, que preferiu não se identificar. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 24 a 31/03/2008, p. 11).

Um trecho anterior a esse na matéria fala qual foi a viatura e quem eram os policiais que foram ao local para saber do crime:

Informado do fato pela Central Integrada de Atendimento e Despacho (CIADE), a viatura 1594, com o cabo Souza e os soldados J. Ferreira e Hebert Torres, do 4º Batalhão de Polícia Militar, dirigiu-se até o local informado, onde encontrou a vítima de joelho, já sem vida. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 24 a 31/03/2008, p. 11)

A matéria de capa publicada na edição de número 131 abrange o período de 31 de março a 7 de abril de 2008. Essa matéria refere-se a mais um assassinato bárbaro relacionado ao tráfico de drogas. Um homem foi encontrado em uma cisterna perto de um lugar que é considerado local de consumo de drogas. Essa matéria aponta as viaturas e os policiais que compareceram ao local. “Pouco depois as viaturas 4235, com o sargento Louzeiro e o soldado Vaz, e a 4249, do Comandante de Policiamento Urbano (CPU), composta pelo tenente Waldomiro e pelo cabo Gilberto, ambas do 19º Batalhão de Polícia Militar (BPM),”. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 31/03 a 7/04/2008, p. 8).

Nessa mesma notícia, como visto em outras matérias, novamente uma moradora, que não quis se identificar, tem espaço para falar.

Sem querer se identificar, uma moradora contou que chegou a ouvir o barulho de pessoas correndo durante a madrugada, mas não chegou a sair para ver o que estava acontecendo. “Não ouvi barulho de tiros, mas percebi que algo errado estava acontecendo. Hoje quando acordei, dei de cara com o corpo do rapaz dentro do poço e um rastro de sangue”, comentou a mulher. (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 31/03 a 7/04/2008, p. 9).

Nessa matéria um delegado fala quase na finalização da notícia, explicando os possíveis motivos para o crime.

Para o delegado Fabiano Medeiros, o assassinato pode ter ligação com o tráfico. “O local é ponto de venda de entorpecente e há disputa pelo comando da ‘boca’. Temos três pessoas suspeitas de praticarem do assassinato e esperamos elucidar o crime o quanto antes”, disse Medeiros, .... (NA POLÍCIA E NAS RUAS, 31/03 a 7/04/2008, p. 11)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar as matérias de capa do jornal *Na Polícia e Nas Ruas*, pode ser afirmado que foi possível demonstrar a dependência deste jornal à fonte policial, isto é, as fontes oficiais.

A análise das citações literais, publicadas entre aspas revelou que a maioria das fontes são policiais. Eles são responsáveis por 10 (50%) das citações literais encontradas. Os outros 50% são divididos entre vítimas, familiares de vítimas e testemunhas.

É relatado nas matérias como ocorreram os fatos, como a polícia tomou conhecimento, quem são as pessoas envolvidas, quais os policiais que compareceram ao local do crime, qual a posição de policiais civis, policiais militares, agentes das delegacias e também são informados os locais onde são registradas as ocorrências. As matérias sempre são finalizadas com os relatos da Seção de Investigação de Crimes Violentos (SIC-VIO) sobre as providências tomadas para solucionar o caso, quando este ainda não foi solucionado até o fechamento da edição.

O jornal *Na Polícia e Nas Ruas* enfatiza mais as imagens do que as matérias. Todas as matérias são casos inéditos, não havendo continuidade nas edições posteriores, o que deixa as pessoas sem respostas em alguns casos. Por exemplo, em um caso de assassinato em que o autor do crime não foi identificado até o fechamento da edição, na edição posterior não há uma matéria falando sobre que pode ter acontecido, se o criminoso foi encontrado ou não.

Na maioria das matérias, as testemunhas ou as pessoas que supostamente viram o crime não são identificadas. Há uma maior identificação da polícia ou de pessoas que deram depoimento na delegacia.

Assim, as considerações finais do estudo reforçam o que os autores Nilson Lage, Nelson Traquina, Felipe Pena, Mauro Wolf e Luiz Costa Pereira Junior, apontam quando dizem que o meio de comunicação é dependente das fontes oficiais. Considero que o jornal *Na Polícia e Nas Ruas* pode ser igualado a um boletim policial das ocorrências registradas no dia-a-dia. Como o jornal relata a agenda policial de Brasília e cidades do Entorno, assim pode ser feito uma comparação do jornal e as ocorrências policiais.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDI - *Jornalismo Preventivo e cobertura de situações de risco* - um guia para profissionais da imprensa com enfoque na Gripe Aviária. Brasília: ANDI, 2008.

JÚNIOR, Luiz Costa Pereira. *A Apuração da Notícia* - Métodos de investigação na imprensa. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

PENA, Felipe. *Teorias do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Rafania de Almeida. *Mídia Sensacionalista: O Sangue dos Excluídos Como Fonte de Sucesso do Jornal Na Polícia E Nas Ruas*. 2006. 40p. Monografia (Graduação) – Centro Universitário de Brasília - UniCeub, Brasília, 2006.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo Vol. II* - A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. - *Teorias da comunicação* - Mass media: contextos e paradigmas - Novas tendências - Efeitos a longo prazo. O newsmaking. 5ª ed. Lisboa: Presença, 1999.

## **ANEXO**